

# **A Joana d’Arc de Luc Besson e outras Joanas do cinema: reinterpretações de uma heroína medieval**

Cybele Crossetti de Almeida<sup>1</sup>

## **Introdução**

Durante séculos o interesse por Joana se manteve vivo e presente em diferentes mídias e países. Isso se deve ao fato de Joana d’Arc ser uma das figuras mais enigmáticas da Idade Média em particular e da história ocidental em geral<sup>2</sup>.

Essa jovem que iniciou uma carreira militar sem precedentes em 1429 – com cerca de 17 anos – e morreu queimada como herege em 1431 contribuiu decisivamente para a vitória dos franceses sobre os ingleses na última fase da Guerra dos Cem Anos. Sobre ela muito já foi escrito, não só por seus contemporâneos – como Christine de Pisan e Jean Gerson<sup>3</sup> – mas também por outros grandes nomes da

---

<sup>1</sup> Esse texto é resultado de um projeto de longa duração, intitulado “Imagens de Joana d’Arc: história, cinema e literatura”, realizado em colaboração com alunos do curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) – como os alunos Alice Schäffer da Rosa, Andreli Zaniratto, Clarissa Somer Alves, Luciano Costa Gomes, Paula dos Santos Flores, Zaida Cristina de Leon Nicolau, entre outros, a quem aproveito para agradecer aqui pelos anos de intenso debate e parceria. Seu objetivo era, como o título indica, pensar não apenas na figura histórica de Joana, mas também nas suas representações no cinema e literatura, compreendendo nesse último gênero também o teatro.

<sup>2</sup> FOUKART, “*Cette vivante énigme*”: *Jeanne d’Arc* [2004: 19-29].

<sup>3</sup> CONTAMINE, *Signe, miracle, merveille. Réactions contemporaines au phénomène Jeanne d’Arc* [1994: 227-240].

literatura como Shakespeare, Schiller, Anatole France, Bertold Brecht entre outros<sup>4</sup>, mas nem sempre – embora predominantemente – sob uma ótica favorável. Shakespeare, na obra Henrique VI, chama-a de “Demônio ou mãe do diabo (...) feiticeira” e ainda “amásia” do Delfim (SHAKESPEARE, Henrique VI, s/d., p. 375), numa demonstração clara que a imagem de Joana depende basicamente dos interesses de quem a utiliza.



*Ingrid Bergman*

A indústria cinematográfica que, desde seus primórdios<sup>5</sup>, produziu muitos filmes com temática histórica em geral e medieval particular, tem se ocupado longamente com a figura de Joana d’Arc. Nenhum outro personagem histórico medieval foi representado tantas vezes nas telas. Este trabalho centra-se na análise do filme *The Messenger: The story of Joan of Arc*, de Luc Besson, uma adaptação de 1999 da história de Joana d’Arc para as telas de cinema. Neste

---

<sup>4</sup> Vide a esse respeito, por exemplo, WIDDER, *Ein Justizmord? Die Hinrichtung der Jeanne d’Arc* [2012: 55-69].

<sup>5</sup> Inclusive alguns dos primeiros filmes da nova arte, como os curtas metragens de Georges Hatot, de 1898, e de Georges Méliès, de 1900; além de dois filmes de Mario Caserini, *Vie de Jeanne d’Arc* e *Jeanne d’Arc au bûcher*, respectivamente de 1900 e 1905. Vide <http://www.jeannedarc.com.fr/maison/filmographie.htm>

mesmo ano foi apresentada a versão televisiva da história de Joana, pelo diretor Christian Duguay. Essas produções inserem-se numa longa tradição de representações sobre Joana, cuja história já foi levada às telas em diferentes épocas e por diretores de diferentes nacionalidades como Cecil B. DeMille (1917), Marc de Gastyne e Carl Dreyer (ambos de 1928), Gustav Uciky (1935), Michele Morgan (1942), Victor Fleming (1948), Roberto Rossellini (1954), Robert Bresson (1962) Jacques Rivette (1993), entre outros. Esse interesse não é casual, uma vez que Joana d'Arc é uma das figuras mais controversas da Idade Média tardia e sua história tem despertado desde então o interesse de escritores, compositores e diretores de cinema, o que demonstra a relevância e atualidade deste tema que permite diferentes abordagens e a discussão de questões centrais para o nosso tempo como o lugar da guerra e da mulher na sociedade.



*Milla Jovovich*

O filme de Luc Besson apresenta uma versão de Joana que difere de todas as outras, e por isso sua obra merece uma análise mais detalhada<sup>6</sup>. A originalidade desta obra decorre

---

<sup>6</sup> Bill Scalia considera o filme de Besson, juntamente com o de Dreyer, como marcos da história do cinema: “two filmes that very nearly bracket the history of cinema”, SCALIA, *Contrasting Visions of a*

não tanto de suas licenças poéticas – presentes, obviamente, em todas as outras versões do cinema e da literatura – quanto na forma de interpretação de Joana e suas motivações. A singularidade da leitura de Joana por Luc Besson já foi apontada por Françoise Michaud Fréjaville embora, segundo esta autora isso se deva ao fato de o diretor ter tomado deliberadamente “le parti (...) anglo-bourguignon”<sup>7</sup>. Que uma historiadora da importância e seriedade de Fréjaville interprete deste modo o filme do seu concidadão Besson – sem, aparentemente, questionar as motivações do próprio – mostra o quanto o tema é polêmico e que, eventualmente, também os historiadores – algumas vezes até os melhores entre eles – tomam partido. Já Philippe Contamine – outro grande medievalista – é, nas suas próprias palavras – “moins critique” que Fréjaville em relação ao filme de Besson e reconhece não apenas sua originalidade, mas também que o cineasta coloca uma questão importante:

à sa manière en effet, le cinéaste s’intéresse en termes assez inédits à une grande interrogation: comment ne pas croire que Jeanne, au-delà de ses claires options politiques, ne se soit pas douloureusement interrogée, à tel moment de sa dure captivité, dans la solitude, sur sa mission, dans sa

---

*Saint: Carl Dreyer’s “The Passion of Joan of Arc” and Luc Besson’s “The Messenger”* [2004: 181-185]. Mesmo assim a visão desse autor sobre o filme de Besson é, a meu ver, um tanto limitada, pois, para ele: “Besson make use of the best technology at his disposal for his monstrous tale”, SCALIA, *Contrasting Visions* [2004: 184]. Kathryn Norberg ironiza inclusive o título do filme ao afirmar que: “The Messenger doesn’t have a message”, vide NORBERG, *Joan on the screen: Burned again?* [2000].

<sup>7</sup> MICHAUD-FREJAVILLE, Françoise, *Cinéma, Histoire: Autour du thème “johannique”*, in *Cahiers de Recherches Médiévales et Humanistes: Une ville, une destinée: Orléans et Jeanne d’Arc*, nr. 12 spécial (2005), p. 285-300, aqui p. 298.

forme comme dans son fond ? «Tu ne tueras pas».<sup>8</sup>

A questão do ‘partidarismo’ – mas de cunho religioso, e não nacionalista – é muito mais visível na crítica de Marian T. Horvat ao filme de Besson. A autora, jornalista, com doutorado em história, escreve na sessão *Movie Reviews* do site “tradição em ação”, um site católico e ultra conservador<sup>9</sup>, uma crítica no qual o filme de Besson – com ressalvas como o fato de ser “beautifully filmed” e conter cenas “very poetic” – é criticado por apresentar uma Joana “Distorted” e com “Protestant tinges”<sup>10</sup> (sic). A autora conclui que o filme é “a historical lie and a blasphemous presentation of one of the most charming and heroic Saints of the Church”<sup>11</sup>. Apesar de minha enorme simpatia pessoal por Joana d’Arc – como indivíduo, não como santa – considero errônea e empobrecedora este tipo de apropriação da sua imagem, que evidencia discussões históricas que, visivelmente, ainda não foram superadas, como a disputa entre a direita e esquerda ou ainda com membros do clero que afirmaram “*Johanna nostra est*”, ponto de vista também defendido por Horvat.

É claro que Joana era religiosa – como era a grande maioria da população na Idade Média – mas é preciso lembrar que

---

<sup>8</sup> CONTAMINE, *Préface*, in *Cahiers de Recherches Médiévales et Humanistes: Une ville, une destinée: Orléans et Jeanne d’Arc*, nr. 12 spécial (2005), p. I-IV.

<sup>9</sup> Que, por exemplo, chama o papa Francisco de “Red Pope” e “Pope Bergoglio”, em uma perspectiva mentirosa e desrespeitosa, vide, por exemplo:

[https://www.traditioninaction.org/HotTopics/i99ht\\_126\\_Lula.html](https://www.traditioninaction.org/HotTopics/i99ht_126_Lula.html)

<sup>10</sup> A Distorted View of the Maid of Orleans. *The Messenger* reviewed by Marian HORVAT, disponível em:

<https://www.traditioninaction.org/movies/002mr.htm>

<sup>11</sup> HORVAT, *A Distorted View*, op. cit.

ela era acima de tudo um indivíduo, com suas crenças e contradições e influenciada pelo seu meio. Para entender estas influências é preciso resgatar um pouco da Joana d’Arc histórica, que – por vezes – acaba se perdendo nas lendas e mitos construídos sobre ela por seus contemporâneos e a posteriori. A esse respeito escreve Marc Ferro:

a verdadeira natureza de Joana não é um risco para a História, já que Joana foi recuperada sucessivamente pela religião cristã, pelos republicanos – por Pétain e depois por de Gaulle – e pelos soviéticos. (FERRO, 2003, p. 17).



*Florence Delay*

## **Joana d’Arc e o século XV**

Mas quem foi essa mulher que inspirou tantos mitos e controvérsias? Joana era uma jovem camponesa sem formação militar. E, no entanto, a sua presença – mais indiscutível do que a sua atuação propriamente dita – alterou os rumos de uma guerra que já durava quase um século<sup>12</sup>. É verdade que os franceses já haviam obtido

---

<sup>12</sup> A bibliografia sobre o tema Guerra dos Cem Anos e, particularmente, Joana d’Arc é, nas palavras de Vitor Deodato da

vitórias nesta guerra que alternou fases de vitórias inglesas e francesas. A primeira fase, de 1337 a 1360, é de importantes vitórias inglesas, como as batalhas de Crécy em 1346 e Poitiers em 1356. O segundo período – de 1360 a 1380 – representa a revanche francesa sob a direção de Carlos V e do condestável Du Gesclin. A terceira fase – de 1380 a 1420 – conheceu novamente vitórias inglesas, cujas tropas foram lideradas pelo hábil rei Henrique V, especialmente na batalha de Azincourt (1415), que culminaram no Tratado de Troyes (1420), que firmava o casamento da princesa Catarina da França com o rei inglês, bem como a união dos dois reinos, definindo que Henrique (e seus filhos com Catarina) governariam a França após a morte de Carlos VI. Ora, esse tratado eliminava os herdeiros de Carlos VI da pretensão à coroa francesa. No entanto, Carlos VI e Henrique V morreram ambos no mesmo ano, restando como ‘reis da França’ o Delfim Carlos (futuro rei Carlos VII) e o filho de Henrique com Catarina, o futuro rei da Inglaterra Henrique VI, em 1422 um bebê ainda.

Este era o cenário político no momento em que Joana d’Arc surgiu na vida do então Delfim Carlos (cuja unção em Reims é, em grande parte, mérito seu) e o curto período da sua atuação militar – entre os anos de 1429 e 1430 – marca “un

---

Silva, “oceânica”, SILVA, *Cavalaria e nobreza no fim da Idade Média* [1990: 329]. Dentre alguns dos trabalhos mais relevantes vide, por exemplo, BEAUNE, *Joana d’Arc: uma biografia* [2006]; BOSSUAT, *Jeanne d’Arc* [1968]; CONTAMINE, *La guerre de Cent Ans* [1992]; CONTAMINE, *Aperçus sur la propagande de guerre, de la fin du XIIIe au XVe siècle: les Croisades et la guerre de Cents Ans* [1994: 5-27]; FRAIOLI, *The Literary Image of Joan of Arc: Prior Influences* [1981: 811-830]; JOURDIN, *La guerre de Cent Ans vue par ceux qui l’ont vécue* [1992]; MICHAUD-FREJAVILLE, *Images de Jeanne d’Arc: de l’orante à la sainte protectrice* [2000: 243-251]; MICHAUD-FREJAVILLE, *Autour du bûcher de Jeanne* [1997: 131-141]; VERDON, *Les françaises pendant la guerre de Cent Ans* [1991]; WARNER, *Joan of Arc: the Image of Female Heroism* [1981], entre muitos outros.

tournant décisif dans le déroulement de la guerre” (CONTAMINE, 1992, p. 90).

Apenas no período final do conflito, de 1420 a 1453, a França conseguiria recuperar os territórios perdidos para os ingleses.



*Jean Seberg*

A história pessoal de Joana terminou muito antes do final da guerra, com a condenação e morte na fogueira em 1431.

Sua história é notável sob vários aspectos, como o fato de tratar-se de uma mulher, ainda bastante jovem, plebéia e por ter realizado o que se pode chamar de uma “carreira relâmpago” pela rapidez da sua ascensão e queda. São bastante discutidas – e discutíveis – as questões da sua motivação pessoal e das “vozes” que a teriam incitado à ação, no entanto, sua presença marcante certamente contribuiu senão para a vitória final dos franceses pelo menos para uma chegada mais rápida da mesma (SILVA, 1990, p. 219) bem como para o desenvolvimento de um patriotismo francês – ainda que embrionário – como apontado por vários historiadores<sup>13</sup>, especialmente Michelet.

Segundo esse autor:

Não era raro [no medievo] ver as mulheres pegarem em

---

<sup>13</sup> WISMAN, *L'éveil du sentiment national au Moyen Age* [1977: 289-297].

armas. Elas combatiam amiúde durante os cercos (...). No tempo da Donzela e nos mesmos anos, as mulheres da Boêmia lutavam com os homens nas guerras dos hussitas. (MICHELET, 1995, p. 17)

Para Michelet a originalidade de Joana reside no seu patriotismo<sup>14</sup>, pois “não foi tanto a sua bravura ou as suas visões” (MICHELET, 1995, p. 17), mas sim o seu entusiasmo e bom senso a chave do sucesso de Joana e dos franceses. A questão da motivação, muitas vezes deixada em segundo plano pelos historiadores, por ser exatamente uma das áreas mais difíceis de abordar, é um dos eixos centrais do filme de Luc Besson já que o cinema, assim como a literatura, é uma arte e, portanto, depende menos – ou mesmo independe – da existência e consulta rigorosa às fontes, podendo usar a imaginação para preencher as lacunas daquelas e interpretá-las à sua maneira e conforme os seus propósitos. A chamada “licença poética” é não só tolerada como faz parte do fazer artístico, mesmo quando inspirada em personagens reais que podem ter seu “valor” invertido, como ocorre, por exemplo, com a figura do rei Henrique V – outra figura-chave da guerra dos Cem Anos – que beneficiou do texto épico de Shakespeare e de visões cinematográficas favoráveis como a de Laurence Olivier e Kenneth Brannagh, de modo que o crítico Bloom conclui, citando Hazlitt:

ele [Henrique V] foi um herói, isto é, estava disposto a sacrificar a própria vida pelo prazer de destruir milhares de outras vidas (...). Como é possível, então, simpatizarmos com ele? Ele nos é simpático na peça. Lá está ele, um monstro tão amável, um esplêndido espetáculo. (BLOOM, 2001, p. 403)

Talvez o problema da Joana de Besson para seus inúmeros

---

<sup>14</sup> Também esse um tema controverso entre os historiadores e medievalistas, e muito complexo para ser resumido aqui.

críticos seja exatamente o de desnudar o “monstro tão amável” por trás do seu heroísmo incontestado.

## **A Joana de Luc Besson e outras Joanas**

Entre as muitas Joanas d’Arc que o cinema produziu há uma grande variedade de estilos e abordagens. Alguns filmes tentaram reproduzir a história cronologicamente, outros centram a narrativa em um momento específico da vida de Joana, como os filmes *A paixão de Joana d’Arc*, de Carl Dreyer e *Le procès de Jeanne d’Arc*, de Robert Bresson, que se concentram no processo e execução da heroína.

Dentre os filmes orientados cronologicamente para a reprodução da vida de Joana, duas versões de 1999 são quase antagônicas. Além da versão de Luc Besson, é também deste ano a menos conhecida – provavelmente porque menos controversa – versão de Christian Duguay, com a atriz Leelee Sobieski<sup>15</sup>. A jovem atriz faz uma Joana piedosa, humana e próxima do modelo tradicional. Ela é otimista e confiante a maior parte do tempo, tem o apoio de suas vozes e enfrenta corajosamente os juízes e a morte na fogueira. Nesse filme – ao contrário do de Luc Besson – temos vozes, luzes e milagres. Embora haja alguma reflexão política que transparece em momentos como quando o delfim e seus conselheiros discutem sobre a vantagem de usar ou não a “tática da virgem de Lorena”, de um modo em geral esta versão poderia ser quase tomada como uma versão oficial da história de Joana d’Arc, numa linha semelhante àquela adotada pelo filme, bem mais conhecido apesar da sua

---

<sup>15</sup> Originalmente uma minissérie em três capítulos, produzida pela Canadian Broadcasting Corporation e Alliance Atlantis Communications, posteriormente lançado em DVD.

anterioridade, de Victor Fleming.

A Joana de Luc Besson, interpretada por Milla Jovovich, tem uma tarefa bem mais difícil: ao invés de seguir um modelo histórico simpático a atriz deve buscar suas motivações e, finalmente, inverter o seu significado. A Joana de Luc Besson não tem o apoio das vozes que confirmam a missão de Sobieski, pelo contrário, desde criança vemos a Joana de Luc Besson acompanhada de um personagem enigmático que é menino quando ela é criança e que vai crescendo junto com a heroína, embora envelheça mais rapidamente que ela. É este personagem – interpretado pelo ator Dustin Hoffmann – que ganha destaque na parte final do filme como a voz que questiona Joana, suas ações e motivações. É ele que diz, por exemplo, que uma espada encontrada no campo não é necessariamente um *signal* de sua missão, como interpretado por Joana, mas que há várias outras explicações possíveis para a sua presença naquele local: Joana escolhe o que ela quer ver. Neste “diálogo”<sup>16</sup> final entre os dois atores – que penso pode ser interpretado como um dos eixos centrais do filme – podemos perceber o conflito entre duas épocas, duas maneiras de pensar. Para a heroína histórica e seus contemporâneos medievais, imbuídos de um forte sentimento religioso, era muito comum a busca por sinais, a interpretação do cotidiano através de símbolos. Mas no filme do Luc Besson, ao contrário do de Duguay, não há milagres.

No entanto, a Joana d’Arc histórica – como demonstram os documentos do seu processo – se encontrava fortemente imbuída do que Bonnassie chama *providencialismo*

---

<sup>16</sup> Uso diálogo entre aspas porque a intenção de Besson era mostrar o que seria algo como um “diálogo fictício” entre Joana e sua consciência.

*histórico*, isto é: a crença de que a vontade divina se manifesta na terra através – e para – da ação humana. Joana d’Arc acreditava fortemente nisso, a ponto de morrer por esta crença. Mas, para Luc Besson, o que a personagem de Joana entendia como sendo uma missão de Deus era, na realidade, algo autor-atribuído: ela acaba por reconhecer que lutou por vingança e do modo que as pessoas lutam mesmo quando lutam por uma causa: sendo cruéis, egoístas e orgulhosas.

O filme não coloca em questão a causa em si, mas os meios de levá-la adiante e ao fazer isso contém uma condenação da guerra que é bastante atual: mesmo aqueles que crêem estar lutando por uma causa justa – Deus, a terra, a liberdade – são, na realidade cruéis e orgulhosos. Em uma das cenas de batalha é mostrado como Joana luta em frenesi e após entra em choque, ao ver os corpos mutilados, membros decepados e derramamento de sangue: o fato disso só ser percebido *após* a batalha – quando não há retorno possível – é parte da mensagem central do diretor: a guerra desenvolve uma lógica própria, engolfa os seus agentes, os meios afogam os fins mais nobres que se possa defender.

O diretor, que já havia deixado entrever a sua postura cética – como através das falas da personagem Iolanda de Aragão, sogra do Delfim, em vários momentos do filme, especialmente na cerimônia de coroação – torna mais explícito o confronto de posições neste diálogo. Com a sua visão racionalista do século XX o personagem de Dustin Hoffman – e através dele parece falar o diretor – questiona a própria atuação e os motivos de Joana: ao invés de doação e idealismo temos rancor, desejo de vingança e poder.

## A título de conclusão

Poderíamos perguntar o que levou o diretor francês Luc Besson a fazer de sua Joana d’Arc – a heroína nacional francesa – um anti-épico intencional. A resposta para essa questão e para todo o aparente anacronismo que perpassa filme provavelmente se encontra não apenas numa má interpretação dos atores, como afirmam muitos cinéfilos, nem na aparente dificuldade dos franceses em produzir épicos, mas sim numa postura assumidamente pacifista. Em uma entrevista no ano do lançamento do filme – antes, portanto, de toda a crítica negativa – Besson já manifestava essa preocupação com a relação entre religiosidade e violência:

She [Joana] taught me things with your faith. Faith is great. The application of faith is great. Most of the religions around the world are giving good messages. ‘Don’t kill.’ ‘Love each other.’ The basic texts are great. Society today, we are not perfect and are difficult to live through. If religion can help people to live better, go for it. But as soon as you take the text, and you switch the text to your own interest, then I will fight against that all my life. It’s worse than anything in the world. Faith is good, but there is no cause which is worth killing anyone,” he says.<sup>17</sup>

Desse modo, penso que, tangenciando uma preocupação muito cara aos medievais, a da *guerra justa*, o objetivo do diretor – usando este símbolo de esforço e auto-abnegação que é Joana d’Arc – parece ser afirmar que nenhuma guerra pode ser considerada justa ou, no sentido moderno, legítima. Que mesmo os que agem com boa vontade e boas

---

<sup>17</sup> LYBARGER, *Arc of a Diver: An Interview with Luc Besson and Milla Jovovich*, originally appeared in the November 11-November 17, 1999 issue of Pitch Weekly.

intenções acabam agindo de maneira cruel, egoísta e destrutiva.

A morte da Joana de Luc Besson na fogueira – uma morte terrível, e não abençoada por manifestações do além, como a da Joana de Christian Duguay – parece reforçar esta mensagem. Neste sentido ela é mais humana e está mais próxima de todos nós que o mito que se inscreveu em torno da jovem de Domrémy jamais esteve. O que talvez incomode muitos fãs do diretor e da personagem histórica seja a liberdade com que Besson lida com o tema ao misturar duas categorias de filmes: filmes de personagens históricos, especialmente biográficos (BRETÈQUE, 1997, p. 285) e os filmes que este autor define como “de historiadores”, nos quais a ficção visa implicitamente ilustrar um ponto de vista sobre o passado”, neste caso uma opinião sobre a guerra. Neste sentido Besson arranha o tabu criado não só em torno da figura de Joana d’Arc, mas em torno das ilusões que os homens medievais e contemporâneos tecem para si mesmos para tornar possível conviver com fenômenos terríveis como a guerra, qualquer que seja a sua justificativa.

## Bibliografia

- AGEL, Henri [1985] – “La Jeanne d’Arc de Dreyer”, in Bretèque, F. (ed.), *Le moyen âge au cinéma*, numero especial de *Les Cahiers de la Cinematheque: Revue d’Histoire du Cinema*, nr. 42/43, 1985, p. 45-49
- BEAUNE, Colette [2006] – *Joana d’Arc: uma biografia*, São Paulo, Ed. Globo
- BLOOM, Harold [2001] – *Shakespeare: a invenção do humano*, Rio de Janeiro, Objetiva
- BONNASSIE [1985] – *Dicionário de história medieval*, Lisboa, Pub. D. Quixote

- BOSSUAT, André [1968] – *Jeanne d'Arc*, Paris, PUF
- BRETEQUE, François de [1997] – *Le regard du cinéma sur le moyen âge*, in *Le moyen âge aujourd'hui. Trois regards contemporains sur le Moyen Âge: histoire, théologie, cinéma*, Paris, Cahiers du Léopard D'Or, Nr. 7, 1997, p. 283-301
- CONTAMINE, Philippe [2005] – *Préface*, in *Cahiers de Recherches Médiévales et Humanistes: Une ville, une destinée: Orléans et Jeanne d'Arc*, nr. 12 spécial (2005), p. I-IV
- \_\_\_\_\_ [1994] – *Signe, miracle, merveille. Réactions contemporaines au phénomène Jeanne d'Arc*, in Actes des congrès de la Société des historiens médiévistes de l'enseignement supérieur public, 25<sup>e</sup> congrès, Orléans, 1994. Miracles, prodiges et merveilles au Moyen Age, p. 227-240
- \_\_\_\_\_ [1992] – *La guerre de Cent Ans*, Paris, PUF
- FOUCART, Claude [2004] – “*Cette vivante énigme*”: *Jeanne d'Arc*, in *Cahiers de Recherches Médiévales et Humanistes: Figures mythiques médiévales aux XIX<sup>e</sup> et XX<sup>e</sup> siècles*, Nr. 11 (2004), p. 19-29
- FRAIOLI, Deborah [1981] – *The literary image of Joan of Arc: prior influences*, in *Speculum*, vol. 56, n. 4, out. 1981, p. 811-830
- FERRO, Marc [2003] – *Os tabus da História*, Rio de Janeiro, Ediouro
- HORVAT, Marian – *A Distorted View of the Maid of Orleans. The Messenger*, in *Tradition in action*, s/d., disponível em <https://www.traditioninaction.org/movies/002mr.htm>
- JOURDIN, Michel Mollat du [1992] – *La guerre de Cent Ans vue par ceux qui l'ont vécue*, Paris, Seuil
- LYBARGER, Dan [1999] – *Arc of a Diver: An Interview with Luc Besson and Milla Jovovich*, in *Pitch Weekly*, November 11-17, 1999
- MICHELET, Jules [1995] – *Joana d'Arc*, São Paulo, Ed. Imaginário
- MICHAUD-FREJAVILLE, Françoise [2005] – *Cinéma, Histoire. Autour du thème “johannique”*, in *Cahiers de Recherches Médiévales et Humanistes: Une ville, une destinée: Orléans et Jeanne d'Arc*, nr. 12 spécial (2005), p. 285-300
- \_\_\_\_\_ [2000] – *Images de Jeanne d'Arc: de l'orante à la sainte protectrice*, in Maurice, J. – Couty, D. (eds.), *Images de Jeanne d'Arc*, Paris, PUF, 2000, p. 243-251
- \_\_\_\_\_ [1997] – *Autour du bûcher de Jeanne*, in *Cahiers de recherches médiévales et humanistes*, nr. 3, 1997, p. 131-141
- NORBERG, Kathryn [2000] – *Joan on the screen: Burned again?*, in *Perspectives on History: the newsmagazine of the American*

- Historical Association*, Feb 1, 2000
- PITHON, Rémy [1985] – *Joan of Arc de Victor Fleming: de la résistance à la nuée*, in Bretèque, F. (ed.), *Le moyen âge au cinéma*, numero especial de *Les Cahiers de la Cinematheque: Revue d'Histoire du Cinéma*, nr. 42/43, 1985, p. 50-58
- SCALIA, Bill [2004] – *Contrasting Visions of a Saint: Carl Dreyer's "The Passion of Joan of Arc" and Luc Besson's "The Messenger"*, in *Literature/Film Quarterly*, Vol. 32, No. 3 (2004), pp. 181-185
- SILVA, Victor Deodato da [1990] – *Cavalaria e nobreza no fim da Idade Média*, vol. 1, São Paulo, EDUSP
- VERDON, Jean [1991] – *Les françaises pendant la guerre de Cent Ans*, Paris, Perrin
- VIEIRA, Yara Frateschi [2009] – *A paixão de Joana d'Arc, segundo Dreyer*, in Mongelli – Macedo (eds.), *A Idade Média no cinema*, São Paulo, Ateliê Editorial, 2009, p. 49-79
- WARNER, Marina [1981] – *Joan of Arc: the Image of Female Heroism*, University of California Press
- WIDDER, Ellen [2012] – *Ein Justizmord? Die Hinrichtung der Jeanne d'Arc*, in Schild, G. – Schindling, A. (eds.), *Politische Morde in der Geschichte: von der Antike bis zur Gegenwart*, Paderborn, 2012, p. 55-69
- WISMAN, Josette [1977] – *L'éveil du sentiment national au Moyen Age*, in *Revue Historique*, 522, 1977, p 289-297